

Sylvia Day

OBSTINADA

Tradução
Paulo Moreira

*Quinta Essência**

Prólogo

Londres, abril de 1770

— **T**eme que ataque a sua cliente, Eldridge? Admito que prefiro partilhar a minha cama com viúvas. São mais cordatas e decididamente menos complicadas que as virgens ou as mulheres de outros homens.

Eldridge ergueu os olhos cinzentos da pilha de papéis sobre a enorme secretária de mogno.

— *Atacá-la, Westfield?* — A sua voz grave era toda exasperação. — Fale a sério, homem. Este caso é muito importante para mim.

Marcus Ashford, sétimo conde de Westfield, perdeu o sorriso matreiro que escondia a sobriedade dos seus pensamentos e soltou um suspiro.

— Deve ter consciência de que é igualmente importante para mim — disse.

Nicholas, Lorde Eldridge, recostou-se na cadeira, apoiou os cotovelos nos braços da mesma e juntou as pontas dos dedos compridos e finos. Era um homem alto e vigoroso, de rosto curtido pelas muitas horas passadas no convés de um navio. Tudo nele era prático e destituído de qualquer superfluidade, desde a maneira de falar à sua constituição física. Tinha uma presença intimidante, com uma agitada rua londrina atrás de si. O efeito era deliberado e muitíssimo eficaz.

– A verdade é que não tive consciência disso até este instante. Queria explorar as suas competências de criptografia. Nunca pensei que se oferecesse para conduzir o caso.

Marcus enfrentou o seu olhar metálico com sóbria determinação. Eldridge era o chefe de um grupo de agentes de elite que tinha como único propósito investigar e capturar conhecidos piratas e contrabandistas. Trabalhando sob os auspícios da Marinha Real de Sua Majestade, Eldridge dispunha de enorme poder. Marcus não teria como objetar se Eldridge lhe recusasse a missão.

Mas uma recusa estava fora de causa. Não naquele caso.

– Não permito que atribua a missão a mais ninguém – disse, erguendo o queixo desafiador. – Se Lady Hawthorne corre perigo, serei eu a garantir a sua segurança.

Eldridge cravou nele um olhar perspicaz.

– Porquê um interesse tão grande? – quis saber. – Depois do que aconteceu entre ambos, surpreende-me que deseje manter um contacto próximo com ela. Não vejo o que o motiva.

– Não tenho qualquer motivo especial. – Pelo menos nenhum que quisesse partilhar. – Apesar do nosso passado, não tenho qualquer desejo de que lhe façam mal.

– As ações dela arrastaram-no para um escândalo de meses que ainda hoje se discute. Age como se não tivesse sido nada, meu amigo, mas ficou com marcas. E talvez alguma ferida aberta.

Imóvel como uma estátua, Marcus manteve o rosto impassível e lutou contra o ressentimento que o consumia. A dor que sentia era sua e profundamente pessoal. Não gostava que lhe fizessem perguntas sobre o assunto.

– Não me considera capaz de separar a vida profissional da vida pessoal? – perguntou.

– Pronto, não faço mais perguntas pessoais – respondeu Eldridge abanando a cabeça e suspirando.

– Vai entregar-me o caso?

– Você é o meu melhor agente. A minha única reticência era a vossa história, mas se está à vontade com isso não ponho quaisquer objeções. Em todo o caso, vou conceder-lhe o direito de escolher outro agente, se ela assim o desejar.

Marcus assentiu para esconder o seu alívio. Elizabeth nunca pediria a nomeação de outro agente; o seu orgulho nunca o permitiria.

Eldridge começou a bater com os dedos uns nos outros.

– O diário recebido por Lady Hawthorne era dirigido ao seu falecido marido e está escrito em código – explicou. – Se o livro tem alguma relação com a sua morte... – Fez uma pausa. – O visconde Hawthorne estava a investigar Christopher St. John quando morreu.

Marcus ficou imóvel ao ouvir o nome do popular pirata. Desejava apanhar St. John mais do que qualquer outro criminoso e sentia por este uma inimizade pessoal. Os ataques de St. John contra a Companhia de Navegação Ashford tinham sido a causa da sua entrada para a agência.

– Se Lorde Hawthorne mantinha um diário das suas missões e St. John deitasse a mão a essas informações... Com mil diabos!

Sentiu o estômago apertado ao pensar na possibilidade de o pirata se aproximar de Elizabeth.

– Exatamente – concordou Eldridge. – A verdade é que Lady Hawthorne já foi contactada por causa do livro desde que tomei conhecimento da existência do mesmo, há uma semana. Para sua segurança, e nossa, o mesmo deve ser subtraído aos seus cuidados, mas isso é impossível de momento. Ela recebeu instruções para entregar pessoalmente o diário, daí que necessite da nossa proteção.

– Com certeza.

Eldridge empurrou uma pasta por cima da secretária.

– Aqui tem as informações que reuni até agora. Lady Hawthorne dar-lhe-á as restantes informações durante o baile dos Moreland.

Marcus recolheu o material referente ao caso, levantou-se e saiu. Já no corredor, permitiu-se um sorriso de satisfação sombria.

Não tinha procurado Elizabeth por uma questão de dias. O fim do luto desta significava que a sua espera interminável chegara ao fim. Apesar de perturbadora, a questão do diário jogava a seu favor, impossibilitando que ela o evitasse. Depois da forma escandalosa como o rejeitara quatro anos antes, não ficaria satisfeita por vê-lo aparecer de novo na sua vida. Mas também não recorreria a Eldridge, disso estava certo.

Em breve, muito em breve, tudo o que lhe prometera e negara seria finalmente seu.

Capítulo 1

Marcus encontrou Elizabeth ainda antes de pôr o pé no baile dos Moreland. Na verdade, ficou retido na escadaria enquanto outros convivas e dignitários impacientes procuravam falar com ele. Esqueceu-se de todos os que pretendiam a sua atenção logo que teve o mais breve vislumbre da que o levava ali.

Estava ainda mais bela do que antes. Mas não saberia dizer como era possível. Sempre fora única. E talvez a distância tivesse aumentado o afeto que sentia.

Os seus lábios curvaram-se num sorriso desdenhoso. Era evidente que Elizabeth não partilhava dos seus sentimentos. Quando os olhares de ambos se cruzaram, Marcus permitiu que o seu rosto expressasse o prazer que sentia por vê-la de novo. Em troca, ela ergueu o queixo e desviou o olhar.

Uma afronta deliberada.

Um golpe direto, desferido com mestria mas incapaz de derramar sangue. Já lhe infligira a mais dolorosa das lacerações anos antes, deixando-o imune a posteriores ferimentos. Ignorou facilmente o desdém da mulher. Nada podia alterar o destino de ambos, por mais que ela pudesse desejar o contrário.

Há anos que se tornara agente da Coroa, período em que vivera uma vida que rivalizava com as histórias escritas nos

romances sensacionalistas. Tinha travado inúmeras lutas de espada, fora alvejado por duas vezes e conseguira esquivar-se a mais fogo de canhão do que se podia imaginar. O que também significara perder três dos seus navios e afundar meia dúzia de outros antes de ser obrigado a permanecer em Inglaterra devido às exigências do seu título. Mas só sentia um incômodo ardor nervoso quando estava na mesma sala com Elizabeth.

– Acabo de localizar a viscondessa Hawthorne, milorde – anunciou Avery James, o parceiro de Marcus, fazendo um sinal impercetível para o lado direito de ambos. – Está junto à pista de dança, com o vestido lilás.

– Eu sei quem ela é – respondeu Marcus, admirado.

– Não sabia que se conheciam.

Os lábios de Marcus, conhecidos por habilmente encantar as mulheres, curvaram-se em óbvia antecipação:

– É verdade. Lady Hawthorne e eu somos velhos conhecidos.

– Compreendo – murmurou Avery, franzindo a testa e indicando o contrário do que dissera.

Marcus pousou a mão no ombro do amigo.

– Vá andando, Avery, enquanto eu trato disto, mas deixe Lady Hawthorne comigo.

Avery hesitou por um momento, então, assentiu relutantemente e seguiu para o salão, desviando-se da pequena multidão que cercava Marcus.

Acalmando a sua irritação com os convidados inoportunos que lhe bloqueavam o caminho, Marcus respondeu laconicamente às perguntas que lhe eram feitas. Aquele tipo de tumulto era a razão pela qual não gostava desses eventos. As pessoas que não tinham a iniciativa de procurá-lo no horário de expediente sentiam-se à vontade para abordá-lo num ambiente social mais descontraído. Mas ele nunca misturava negócios com prazer. Pelo menos, essa fora a sua regra até àquela noite.

Elizabeth seria a exceção. Como sempre fora.

Girando o monóculo, Marcus viu Avery atravessar com facilidade a multidão e o seu olhar logo recaiu novamente na mulher que deveria proteger. Bebeu a sua visão como se fosse um homem a morrer de sede.

Elizabeth nunca gostara de perucas e não usava uma nessa noite, como a maioria das senhoras. O efeito das plumas brancas a contrastar com o seu cabelo escuro era de tirar o fôlego, atraindo inexoravelmente todos os olhares na sua direção. Quase negro, o seu cabelo emoldurava olhos tão incrivelmente coloridos que lembravam o esplendor de ametistas.

Aqueles olhos encontraram os dele por apenas um momento, mas o choque do seu magnetismo permaneceu, a atração inegável. Isso impeliu-o a avançar, despertando-o no mesmo nível primitivo de sempre, como uma traça se aproxima da chama. Apesar do perigo de se queimar, não foi capaz de resistir.

Ela tinha uma forma própria de observar os homens com aqueles olhos incríveis. Marcus quase podia acreditar que era o único homem no salão, que todos haviam desaparecido e não havia nada entre onde ele estava preso na escadaria e onde ela esperava do outro lado do salão.

Imaginou-se a percorrer a distância que os separava para a tomar nos braços e encostar a boca à dela. Sabia que os seus lábios, tão eróticos no formato e na espessura, iriam derreter-se no seu beijo. Queria percorrer com a boca a sua delicada garganta e lambar o vale dos seus seios. Queria mergulhar no seu corpo exuberante e saciar a sua fome infinita, uma fome que se tornara tão poderosa que quase o levava à loucura.

Um dia, ele quisera tudo – os seus sorrisos, o seu riso, o som da sua voz, a visão do mundo através dos seus olhos. Agora, a sua necessidade era mais básica. Marcus não se permitia mais do que isso. Tudo o que queria era ter a sua vida de volta. Uma vida serena, sem dor, revolta ou noites insones. Fora Elizabeth quem lha roubara e seria ela a devolver-lha.

Contraíu o maxilar. Estava na altura de encurtar a distância entre ambos.

Bastara um olhar para afetar o seu autodomínio. O que sentiria quando voltasse a segurá-la nos braços?

Elizabeth, a viúva do visconde Hawthorne, ficou parada um longo momento em estado de choque, o calor a espalhar-se pelo rosto.

O seu olhar cruzara-se com o do homem na escadaria apenas por um instante, e, ainda assim, durante esse breve momento, o seu coração acelerara a um ritmo alarmante. Sentira-se paralisada pela beleza masculina do seu rosto que, por sua vez, mostrava claramente o contentamento em vê-la de novo. Surpreendida e assustada com a sua própria reação ao encontrá-lo após tantos anos, Elizabeth forçara-se a ignorá-lo e a desviar o olhar com um desprezo altivo.

Marcus, o atual conde de Westfield, continuava magnífico. Era ainda o homem mais belo que ela conhecera. Quando os seus olhares se cruzaram, ela sentiu a eletricidade passar entre eles como uma força tangível. Sempre existira entre ambos uma intensa atração, e Elizabeth ficou profundamente perturbada ao perceber que não diminuía nada.

Depois do que ela fizera, Marcus deveria repeli-la.

Elizabeth sentiu um toque no ombro que a trouxe de volta ao presente. Virou-se e encontrou George Stanton ao seu lado, observando-a com preocupação:

– Sente-se bem? Parece um pouco corada...

A jovem ajustou a renda da manga do vestido para disfarçar a inquietação.

– Está muito calor... – titubeou. Abrindo o leque, agitou-o para refrescar as faces coradas.

– Creio que uma bebida é boa ideia.

Elizabeth esboçou um sorriso agradecido. Esperou que George se afastasse e tentou prestar atenção ao que diziam os cavalheiros no grupo que a rodeava.

– Do que estávamos a falar? – perguntou. A bem da verdade, não prestara atenção à conversa durante a maior parte da última hora.

– Do conde de Westfield – explicou Thomas Fowler, apontando discretamente para Marcus. – É uma surpresa para nós encontrá-lo aqui. A aversão do conde por este tipo de eventos é conhecida.

– Sim – respondeu Elizabeth fingindo indiferença, mas sentindo as mãos húmidas dentro das luvas. – Só lamento que tenha resolvido alterar essa postura precisamente esta noite.

Thomas ficou evidentemente embaraçado com a observação.

– Mil perdões, milady. Tinha-me esquecido da sua anterior relação com Lorde Westfield.

– Não precisa de se desculpar – condescendeu Elizabeth com uma risada. – Compreendo o seu lapso. Deve ser a única pessoa em toda a cidade de Londres que teve o bom senso de enterrar o passado em definitivo. O conde não foi importante para mim na altura, e é-me indiferente agora.

Elizabeth sorriu quando George regressou com a sua bebida e os olhos dele brilharam ao ver o prazer dela.

Enquanto a conversa à sua volta continuava, Elizabeth aproveitou para mudar de posição, de modo a poder observar os movimentos de Marcus na escada cheia de gente. Era evidente que a reputação de libertino deste não afetara o prestígio de que gozava. Apesar do grande número de pessoas no salão, Marcus destacava-se com facilidade. Os homens corriam para o cumprimentar, em vez de esperarem que ele acabasse de descer, e as mulheres deslizavam sub-repticiamente na direção das escadas. O fluxo de admiradores que convergia na sua direção alterava o equilíbrio no salão. Em seu favor, Marcus mostrava-se indiferente à bajulação.

Avançou para a pista com a arrogância casual de alguém que conseguia sempre o que queria. Muitos foram os que tentaram retê-lo, mas ele abriu caminho com facilidade. Não deixou de dar atenção a alguns, admitir a presença de outros ou, simplesmente, erguer imperiosamente a mão para afastar outros ainda. Comandava todos os que o rodeavam com a sua personalidade evidentemente forte e estes sentiam-se contentes por permitir que assim fosse.

Como se tivesse sentido a força do olhar de Elizabeth, voltou a olhar para a jovem. Os cantos da sua boca generosa elevaram-se num sorriso quando se aperceberam um do outro. O brilho do seu olhar e o calor do seu sorriso faziam promessas que nunca poderia cumprir como homem.

Havia uma aura de isolamento em Marcus e os seus movimentos tinham uma energia que não possuíam quatro anos antes. Eram sinais de aviso que Elizabeth fez questão de não ignorar.

George olhou facilmente por cima da cabeça de Elizabeth para perceber o que se passava.

– Parece que Lorde Westfield se dirige para aqui – avisou.

– Tem a certeza, Mister Stanton?

– Sim, milady. Westfield está a olhar para mim neste preciso momento.

Elizabeth sentiu o estômago contorcer-se num nó. Marcus tinha praticamente parado quando os olhos de ambos se encontraram pela primeira vez e o segundo olhar fora ainda mais perturbador. Ele aproximava-se rapidamente e ela não tinha tempo para se preparar. George baixou os olhos para Elizabeth quando ela voltou a abanar-se furiosamente.

Maldito seja Marcus por ter vindo esta noite! Era a sua primeira aparição em sociedade após três anos de luto, e Marcus procurava-a poucas horas após o seu reaparecimento, como se tivesse esperado impacientemente nos últimos anos por aquele exato momento. Ela sabia que não era esse o caso. Enquanto

ela cumprira o luto e se mantivera isolada, Marcus andara a estabelecer a sua reputação escandalosa no quarto de muitas senhoras.

Após a forma dolorosa como ele lhe partira o coração, Elizabeth desprezá-lo-ia em qualquer circunstância, principalmente nessa noite. Não estava ali para desfrutar da festa. Esperava um homem com quem se encontraria secretamente. Naquela noite, ia dedicar-se à memória do marido. Elizabeth faria justiça para Hawthorne e seria testemunha da sua retaliação.

A multidão afastava-se para dar passagem a Marcus e reagrupava-se em seguida, o movimento a anunciar o progresso dele. Então, Westfield veio deter-se diante de Elizabeth. Sorriu e o pulso dela acelerou. Sentiu o impulso de fugir de imediato, mas o momento de o fazer discretamente já passara.

Endireitando os ombros, Elizabeth inspirou profundamente. O copo na sua mão começou a tremer e, com medo de o entornar, engoliu a bebida de um trago. Devolveu-o a George sem sequer olhar para ele. Marcus segurou-lhe a mão antes que a pudesse baixar.

Curvando-se com um sorriso encantador, ele nunca desviou o olhar do dela.

– Lady Hawthorne. Deslumbrante, como sempre. – A sua voz era quente, fazendo-lhe lembrar veludo. – Será ingénuo da minha parte esperar que esteja disponível pelo menos para uma dança?

Elizabeth deu voltas à cabeça, tentando descobrir uma forma de recusar. A energia viril dele, potente até mesmo do outro lado do salão, era arrebatadora àquela distância mínima.

– Não pretendo dançar esta noite, Lorde Westfield – respondeu Elizabeth. – Pergunte a qualquer um dos cavalheiros presentes.

– Não tenho intenção de dançar com qualquer destes cavalheiros, milady – respondeu ele com secura –, pelo que a opinião deles não tem qualquer interesse para mim.

Elizabeth começou a objetar quando percebeu o desafio no seu olhar. Ele sorria com um divertimento diabólico, desafiando Elizabeth a prosseguir e ela reconsiderou. Não lhe daria a satisfação de pensar que tinha medo de dançar com ele.

– Bem, uma vez que insiste, podemos dançar a próxima música.

Ele curvou-se graciosamente com um olhar aprovador, oferecendo-lhe o braço e conduzindo-a para a pista de dança. Quando os músicos começaram a tocar e a música tomou conta do salão, os casais começaram a dançar um minuete.

Virando-se, Marcus estendeu o braço na sua direção. Elizabeth pousou a mão sobre a dele, aliviada por ter as luvas calçadas. O salão estava iluminado por velas que projetavam uma luz dourada sobre o rosto do homem, chamando a atenção dela para a força dos seus ombros fletidos. De pálpebras baixas, aproveitou para admirar que marcas o tempo podia ter deixado no seu par.

Marcus sempre fora um homem muito físico, envolvido numa série de desportos e atividades. Se fosse possível, parecia estar ainda mais forte e mais formidável. Todo ele era poder e Elizabeth admirou-se com a sua velha ingenuidade por pensar que poderia domá-lo. Graças a Deus, já não era tão tola.

O seu único atributo suave era o cabelo, que continuava brilhante, de um tom generoso de castanho-claro, apanhado sobre a nuca por uma fita preta. Os seus olhos cor de esmeralda brilhavam de inteligência. Ele possuía uma mente sagaz para a qual a dissimulação era um mero jogo, como ela aprendera a um custo muito elevado para o seu coração e orgulho.

Imaginara que o rosto de Marcus apresentaria os sinais de desgaste próprios de uma vida dissoluta. No entanto, a sua pele beijada pelo sol indicava apenas um estilo de vida natural, ao ar livre, e não dos ambientes fechados oferecidos pela noite. Os seus lábios eram carnudos e sensuais, curvados num meio-sorriso que era ao mesmo tempo juvenil e sedutor. Ainda era

um homem atraente da cabeça aos pés, e tinha consciência disso. Marcus observava-a a estudá-lo, consciente de que ela não podia deixar de admirar a sua beleza. Ela baixou os olhos e fixou-os no casaco dele.

A fragrância que ele exalava envolveu os seus sentidos. Era um aroma maravilhosamente masculino, uma mistura de sândalo, frutas cítricas e a própria essência única de Marcus. O calor da pele dela derramou-se para dentro do seu corpo, misturando-se com a sua apreensão.

Lendo os seus pensamentos, Marcus inclinou a cabeça na direção dela. Quando falou, o seu tom era grave e rouco:

- Elizabeth, é um prazer estar de novo na sua companhia.
- O prazer é todo seu, Lorde Westfield.
- Antes tratava-me por Marcus.
- Um tratamento informal já não seria adequado, milorde.

A boca dele exibiu um sorriso pecaminoso.

– Tem a minha permissão para me tratar informalmente sempre que quiser – disse Marcus. – Sempre gostei dos seus momentos informais – acrescentou com malícia.

– Não só dos meus como dos de todas as outras mulheres.

– Nunca, meu amor. Sempre foi única e distinta de todas as mulheres.

Homens sedutores eram às dezenas e Elizabeth sabia reconhecer um quando o via. No entanto, Marcus tinha uma forma de falar que o fazia parecer sincero. No passado conseguira convencê-la de cada uma das suas declarações de amor e afeto. Mesmo agora, a forma como a olhava com um desejo mal contido parecia tão genuína que ela quase acreditou.

Fazia-a querer esquecer o tipo de homem que era – um sedutor sem coração. Mas o corpo dela não a deixava esquecer. Sentia-se febril e com tonturas.

– Três anos de luto – observou Westfield em tom amargo.
– Sinto-me aliviado por ver que o pesar não prejudicou a sua

beleza. Aliás, está ainda mais bela do que da última vez que a vi. Recordar-se dessa ocasião?

– Vagamente – mentiu a mulher. – Há muitos anos que não penso nisso.

Perguntando-se se ele teria percebido que mentia, ela observou-o quando trocaram de pares. Marcus irradiava uma aura de magnetismo sexual a que era quase impossível resistir. A maneira como se movia, como falava, como cheirava – tudo isso alardeava energias e apetites poderosos. Elizabeth sentiu o poder mal contido que ele ocultava abaixo da superfície e precisou de se lembrar de como ele podia ser perigoso.

A voz de Marcus derramou-se sobre ela com um calor líquido quando os passos do minuete a levaram de volta a seus braços.

– Sinto que não ficou contente por me ver, especialmente porque me obriguei a vir a esta miserável festa só para poder estar consigo – disse Marcus.

– Não seja ridículo – censurou-o. – Não tinha forma de saber que estaria neste evento. Qualquer que tenha sido o seu propósito para vir, prossiga e deixe-me em paz.

A voz dele era perigosamente suave.

– O meu propósito é a Elizabeth.

Ela encarou-o por um momento, sentindo o estômago embrulhado com um desconforto crescente.

– O meu irmão ficará furioso se nos vir juntos – observou ela.

Marcus ficou muito sério. Ele e William tinham sido grandes amigos. Elizabeth lamentava que o fim do seu relacionamento com este tivesse significado o rompimento desse forte laço de amizade, que vinha da infância de ambos.

– O que quer de mim? – perguntou, quebrando o silêncio que se instalara entre os dois.

– O cumprimento da sua promessa.

– Que promessa?

– A da sua pele contra a minha.

– É louco! – Elizabeth respirou fundo, estremeçando. Depois semicerrou os olhos. – Não brinque comigo. Sei das inúmeras mulheres com quem estive desde que nos separámos. Fiz-lhe um favor quando o libertei para...

A pressão dos dedos de Marcus na sua mão fez com que se calasse. O olhar dele escureceu e a sua voz tornou-se rouca.

– Terá feito muitas coisas quando rompeu a relação que tínhamos, mas nenhuma foi um favor.

Chocada com a veemência dele, ela ripostou.

– Sabia o quanto eu valorizava a fidelidade, quanto a almejava. Com o seu comportamento, nunca seria o marido com que sonhei.

– Eu era exatamente aquilo com que sonhava, Elizabeth. Assustou-a a força do seu desejo por mim, e por isso fugiu.

– Não é verdade! Eu não tenho medo de si!

– Pois deveria – respondeu ele, desafiador.

A dança impediu Elizabeth de responder. Marcus dirigiu um sorriso luminoso à mulher com quem trocava passos que fez Elizabeth ranger os dentes. Ele não disse palavra durante o resto da dança, mesmo quando encantou as outras senhoras com que dançou.

A mão de Elizabeth ainda ardia do contacto da de Marcus e a sua pele estava ruborizada sob o olhar ardente deste. Ele nunca escondera a evidente sexualidade da sua natureza. Em vez disso, tinha-a encorajado a libertar a sua. Tinha-lhe oferecido o melhor dos dois mundos: a respeitabilidade da sua posição e a paixão de um homem que lhe podia incendiar o sangue. E ela acreditara que poderia fazê-lo feliz.

Como fora ingénua. Devia saber que isso não seria possível com uma família como a sua.

Elizabeth afastou-se a passos rápidos assim que a dança terminou. Um aceno chamou-lhe a atenção. Correspondeu ao gesto e sorriu ao reconhecer Avery James. Organizou as ideias,

sabendo de imediato que ele era o homem de quem estava à espera. Avery só iria a uma festa a pedido de Lorde Eldridge.

Este tinha-lhe garantido que, como viúva de um agente de confiança, poderia sempre contar com ele. Avery fora então selecionado para ser o homem a quem ela deveria contactar. Apesar da sua aparência cínica e enfadada, ele era de facto um homem meigo e atencioso que fora indispensável nos primeiros meses após a morte de Hawthorne. Avistá-lo fê-la relembrar a razão da sua presença ali.

Ouviu Marcus chamar atrás de si e retesou os músculos ao perceber que a seguira, apesar do seu passo rápido.

– A dança que solicitou chegou ao fim, Westfield – disse-lhe, mal se voltando. – Esteja à vontade para saborear a sua reputação tão arduamente conquistada e as atenções amorosas das suas admiradoras.

Esperava que ele entendesse o óbvio. Custasse o que custasse, não a tornaria a ver.

Marcus viu Elizabeth andar graciosamente em direção a Avery. Estando ela de costas para si, já não precisava de esconder o sorriso. Ela mandara-o à fava. Mais uma vez.

No entanto, a doce Elizabeth ia descobrir que não se livraria dele com a facilidade que julgava.

Capítulo 2

—É um prazer revê-lo, Mister James – cumprimentou Elizabeth, estendendo-lhe as mãos, que ele tomou de imediato nas suas, muito maiores, o rosto aberto num sorriso raro.

Dando-lhe o braço, James conduziu-a pela porta para um átrio interior.

– Receei ter chegado demasiado tarde e faltado ao encontro – continuou Elizabeth, apertando-lhe o braço.

– Não se preocupe, Lady Hawthorne – respondeu Avery com uma ternura rude. – Teria esperado toda a noite, se necessário fosse.

Inclinando a cabeça para trás, Elizabeth respirou fundo o ar exuberantemente perfumado. A inebriante fragrância do ar livre era um alívio muito bem-vindo depois do forte odor das velas queimadas no salão

Enquanto passeavam, Elizabeth virou-se para Avery e perguntou:

– É correto assumir que foi o agente nomeado para me ajudar? – perguntou.

– Vou auxiliar outro agente nessa missão, sim – respondeu Avery com um sorriso.

– Com certeza. – A boca dela curvou-se num rito de desagrado. – Trabalham sempre aos pares, não é verdade? Como o meu marido e o meu irmão.

– É um método que funciona, milady, e tem salvado vidas. Senti que as pernas lhe fugiam. Salvava *algumas* vidas.

– Lamento a necessidade da existência de agências – observou Elizabeth. – O casamento do William e o seu subsequente pedido de demissão são uma bênção que agradeço. Ele quase morreu na noite em que perdi o meu marido. Aguardo ansiosamente o dia em que a agência não faça parte da minha vida.

– Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para apressar a resolução deste caso.

– Eu sei que sim – respondeu ela – e estou contente por ter sido um dos agentes escolhidos para me ajudar.

Avery apertou a mão dela sobre o seu braço.

– E eu por poder voltar a servi-la passados tantos meses.

– Passou assim tanto tempo? – observou Elizabeth, franzindo o cenho. – Tenho a sensação de que o tempo voa.

– Gostaria de poder dizer o mesmo – intrometeu-se uma voz familiar atrás dela. – Infelizmente, os últimos quatro anos pareceram-me uma eternidade.

Elizabeth ficou tensa e sentiu que o coração parava antes de acelerar.

Avery fê-la voltar-se para saudarem Marcus.

– Ah, aqui está o meu parceiro. Já sei que a senhora e Lorde Westfield são velhos conhecidos. Esperemos que tão fortuito evento ajude a acelerar o caso.

– Marcus – murmurou ela, arregalando os olhos ao perceber a importância da presença dele ali, que a atingiu como um golpe físico.

– Às suas ordens, minha senhora – respondeu Westfield, com uma vénia.

Elizabeth pareceu desfalecer e Avery apertou a mão com que a segurava para a equilibrar.

Marcus chegou junto dela em duas passadas.

– Não desmaie, querida. Respire fundo.